

Eleições CONFEA/CREAs

Bruno Zornitta

O calendário político de 2008 inclui, em momento dos mais oportunos para os profissionais do sistema Confea/Crea, o desafio de rompermos com o atual quadro de desmobilização e promovermos as mudanças necessárias. É tempo de eleições e disputas que devem ser marcadas pelo bom combate. O Jornal da Fisenge abre espaço nesta edição para, publicamente, manifestar seu apoio àqueles que consideramos os mais qualificados para conduzir as mudanças nos

conselhos federal e regionais, com eleições marcadas para dia 4 de junho próximo. Vamos juntos consolidar o traba-



Olímpio, presidente da Fisenge (ao centro), com alguns dos candidatos aos Creas: (da dir. para a esq.) Pedro (MG), Jonas (BA), João Francisco (RO), Zucatto (SC), Alonso (AM), Laércio (PB), Gilson (SE) e Cabrini (PR)

lho que Marcos Túlio realiza no Confea e eleger, nos estados, nomes capacitados para vencer desafios. Vamos

construir um projeto de valorização da engenharia que leve em conta os interesses nacionais. Editorial e págs. 2 e 3

3ª Conferência Mundial da UNI

Entre os dias 26 e 28 de março, em Melbourne, Austrália, será realizada a 3ª Conferência Mundial da UNI (Union Network International), entidade a qual a Fisenge é filiada. O tema da conferência será "Sindicatos para os profissionais em uma economia global" e se articulará em torno de quatro eixos: sindicalismo profissional, mobilidade e migração, programa de trabalho e responsabilidade profissional. O objetivo do encontro é debater maneiras de fazer com que os sindicatos se adequem às exigências profissionais em uma economia global.

Comunicar para disputar a hegemonia



Leia entrevista com o escritor Vito Giannotti sobre seu novo livro, "Comunicação sindical no século XXI", escrito em parceria com a jornalista Claudia Santiago. Pág. 4

EDITORIAL

Momento dos
mais oportunos

Em reunião com dirigentes da Fisenge, Marcos Túlio, presidente do Confea e candidato à reeleição, trouxe à reflexão os desafios para os profissionais do Sistema na perspectiva de um crescimento econômico com sustentabilidade. Um dos maiores entraves tem sido a baixa oferta de mão-de-obra especializada. Embora a constatação não seja nova, o crescente movimento de valorização profissional começa a ter eco. Hoje, em negociações coletivas, o ganho real é significativo. Também os concursos apontam para mudança qualitativa na remuneração dos profissionais.

O momento é oportuno para vencer desafios, a começar pelo atual contexto econômico, com foco nas oportunidades de trabalho. Somos testemunhas da crescente valorização e de uma remuneração mais adequada. Mas precisamos ter clareza do baixo nível de organização e mobilização.

Em tempos de eleições, é necessário refletir sobre a atuação dos conselhos, que ao invés de buscarem representar as categorias, assumindo o papel dos sindicatos e entidades de classe, devem reforçar o papel dessas organizações. O que Marcos Túlio propõe é o alinhamento das lideranças em torno da construção de um projeto nacional.

É no bojo deste projeto que vamos buscar a valorização profissional. Esse é o nosso grande desafio. Marcos Túlio tem trabalhado para reduzir o nível de conflito político entre as categorias, organizações e dentro do próprio Sistema. Esse é um trabalho que deve ser consolidado.

A perspectiva de buscar parcerias, e não disputas, nos leva a ações conjuntas. Sabemos que não temos hoje uma sociedade organizada e mobilizada para defender um projeto de país. Mas sabemos também que temos, entre outras responsabilidades, a organização da sociedade. Devemos buscar a contribuição da área tecnológica para fazer esse país avançar. E mais: com o apoio da base sindical, Confea, Creas e associações, é possível montar núcleos de reflexão que conduzam a um projeto comum em defesa dos interesses nacionais.

Eleições Confea/CREAs

Quer um bom C

Engenheiros, arquitetos e agrônomos vão às urnas dia 4 de junho para decidir o futuro do sistema Confea/Creas. Pela postura democrática, firmeza nas decisões e capacidade de realização a Fisenge apóia Marcos Túlio para consolidar as mudanças que vem realizando no Confea. Veja a seguir quem são os candidatos apoiados pela Fisenge nos estados e suas propostas para a gestão dos conselhos.

CONFEA

MARCOS TÚLIO DE MELO

Presidente do Confea

"Mantenho o compromisso histórico e moral de apoiar efetivamente as entidades de classe e os sindicatos, apoiando seu trabalho e o cumprimento do nosso Código de Ética Profissional que nos exige uma conduta digna e cidadã, que ofereça à sociedade as técnicas adequadas para a solução dos grandes problemas que enfrenta. Mas que ofereça muito mais: o saber para o bem-estar da humanidade".



SANTA CATARINA

RAUL ZUCATTO

Presidente do Crea-SC

"O Crea-SC já avançou bastante, em parceria com entidades de classe, instituições de ensino e comunidade. Precisamos fortalecer essas parcerias e avançar ainda mais. É necessário agilizar e interiorizar serviços, fortalecer as unidades regionais e inspetorias e desenvolver nossas atividades com base em nossos objetivos estratégicos, definindo metas. Temos que prestar bons serviços aos profissionais, às empresas do setor tecnológico e aos usuários do Conselho, sendo mais rápidos no atendimento".



MINAS GERAIS

PEDRO CARLOS GARCIA COSTA

Diretor do Senge-MG

"Temos como linha básica de atuação uma gestão colegiada do Crea-MG que privilegie as multimodalidades que existem no Sistema, para concluirmos um trabalho que foi iniciado com a retomada das eleições diretas para o Conselho. Precisamos redemocratizar, adotar uma linha de levar o Conselho para um setor mais democrático de participação de todas as modalidades, coisa que ao nosso ver foi interrompida nos últimos anos".



SERGIPE

GILSON NÉRI

Adjunto vice-presidente do Senge-SE e Conselheiro Fiscal da Fisenge

"Queremos um Crea-SE com o qual o profissional se identifique, um conselho que defenda os interesses dos profissionais e da sociedade. O Sistema deve defender um desenvolvimento com sustentabilidade. Isso passa pelo desenvolvimento econômico, acompanhando os recursos públicos, e por um



Conselho?

Vote nos candidatos apoiados pela Fisenge

modelo de desenvolvimento ecológico, com ações voltadas para o uso racional de recursos. Propomos também um modelo de desenvolvimento ambiental, com foco na camada mais pobre da população, e ações para erradicar a pobreza, diminuindo as diferenças sociais.

PARANÁ

ÁLVARO JOSÉ CABRINI JR.

Presidente do Crea-PR

"O Sistema precisa ser integrado em nível nacional e padronizado, fazendo uma aproximação de fato com a sociedade e levando cidadania a toda a população através das profissões da engenharia, da arquitetura e da agronomia. Precisamos fazer uma promoção das profissões na área pública e o resgate ético e moral do exercício profissional".



são de um coletivo na busca de respaldos majoritários, até pela busca de uma hegemonia na defesa de processos democráticos, participativos e representativos. Defendo que o Crea-GO trabalhe pela articulação dos nossos setores, com independência, diálogo constante com as entidades e busca permanente de inserção junto ao setor público".

RIO DE JANEIRO

AGOSTINHO GUERREIRO

Ex-presidente do Clube de Engenharia

"O Crea-RJ, após certo período de implantação de métodos mais democráticos e coletivos, percorreu um caminho de personalismos e falta de transparência. Nossa tarefa é, inicialmente, recuperar sua dignidade institucional. Em seguida, revalorizar o conjunto das instituições que compõem o Crea-RJ, o próprio conselho e as câmaras. Além disso, com a defesa do Salário Mínimo Profissional, dos profissionais, instituições e dos interesses da sociedade, colocá-lo entre os melhores conselhos do sistema".



Saiba mais em:

www.uniaopelocrearj.com.br

ESPÍRITO SANTO

LUIS FIOROTTI

Presidente do Crea-ES

"A atual gestão do Crea-ES, eleita para o período de 2006 a 2008, definiu três diretrizes que nortearam nosso planejamento estratégico anual: 'O Crea a serviço da coletividade'; 'O Crea e os desafios tecnológicos'; e 'O Crea como modelo de organização'. Agora, é chegado o momento de avançarmos em novas conquistas. Nos dois últimos anos, o Crea acompanhou a evolução socioeconômica do ES e isso se deve, principalmente, à atuação dos profissionais da área tecnológica, de quem esperamos apoio e voto. Ao lutar pela valorização de nossos profissionais, o Crea contribui para que nossas cidades atinjam níveis desejáveis de qualidade de vida para todos".



PARAÍBA

PAULO LAÉRCIO

Presidente do Crea-PB e vice-presidente do Senge-PB

"Entendo que é o momento de promover uma maior interação e valorização de todas as nossas entidades. Uma de nossas principais propostas é dar prosseguimento a valorização profissional e, dentro desta linha, estamos construindo com nossas entidades uma forma de planejamento estratégico no que se refere à educação continuada. Precisamos especializar os nossos profissionais para esse momento histórico em que vislumbramos o desenvolvimento sustentável do país".



RONDÔNIA

JOÃO FRANCISCO DOS ANJOS

Presidente do Senge-RO

"Pretendo fazer uma modificação geral no Conselho, partindo do princípio de que ele está pequeno para a demanda que existe hoje, em razão, principalmente, da construção da hidrelétrica do Rio Madeira e outras obras que virão. Por isso, precisamos de uma sede nova, que possa dar conta destas demandas, com respeito aos profissionais e acessibilidade a todos. As prioridades são melhorar o atendimento e trabalhar em conjunto, fazendo uma gestão compartilhada com as entidades de classe, e principalmente com o sindicato, que é a minha origem".



BAHIA

JONAS DANTAS

Presidente do Crea-BA

"É fundamental que o Conselho se organize através do fortalecimento das suas entidades e da valorização dos profissionais, na busca de melhor nos qualificarmos como parceiro potencial da sociedade civil organizada. Assim, contribuiremos de forma decisiva para um novo modelo de desenvolvimento sustentável, com igualdade social e com um viés inclusivo bastante acentuado. Tenho certeza de que nós, do Sistema, poderemos contribuir muito para o debate nacional".



GOIÁS

ARGEMIRO MENDONÇA

Assessor da presidência do Confea

"Embora meu sindicato, onde ocupo posição na diretoria, esteja vinculado a outra federação, entendo que uma candidatura individualizada, como é a de presidente, parte de um processo de aglutinação. Assim, ela se torna a expres-



AMAZONAS

CARLOS ALONSO

Ex-diretor do Senge-AM

"O que nós pretendemos no Sistema Confea/Crea é inserir o Conselho do Amazonas na discussão dos grandes temas que envolvem a engenharia, a arquitetura e a agronomia regionais no contexto nacional".



ENTREVISTA



VITO GIANNOTTI

A imprensa sindical tem que promover novos valores

Giannotti é escritor e coordenador do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), entidade que visa desenvolver a comunicação dos trabalhadores para disputar a hegemonia na sociedade. Autor de mais de 20 livros, dentre os quais "História das lutas dos trabalhadores no Brasil" (Mauad, 2007), Giannotti se prepara agora para lançar "Comunicação sindical no século XXI", escrito em parceria com a jornalista Claudia Santiago. Leia a seguir a entrevista concedida ao Jornal da Fisenge.

Qual a idéia central de seu livro?

Nossa preocupação é responder aos desafios da comunicação na sociedade atual, em todos os níveis, desde os meios impressos, passando pelo cinema e o rádio e chegando aos meios eletrônicos, que se multiplicaram nos últimos 20 anos do século XX, com a internet. Qual é o peso que a comunicação tem hoje na vida das pessoas? Como os trabalhadores vão utilizar esses meios para divulgar idéias e disputar a hegemonia? Essas são as questões que norteiam o livro: a centralidade da comunicação e sua importância para os trabalhadores.

Como é o uso que os trabalhadores precisam fazer da mídia?

Recentemente, no Rio de Janeiro, os jornais estamparam uma notícia típica da nossa mídia, sobre uma atriz que teve seu carro roubado. Em seguida, uma outra notícia dizia: polícia mata três bandidos na Chácara do Céu que roubaram o carro de Zezé Polessa. É criminoso colocar a notícia dessa forma. Primeiro, quem disse que aqueles três rapazes eram bandidos? Depois, quem disse que foram eles que roubaram o carro? Em terceiro lugar, veja quais são os valores que essa notícia reafirma: as vidas de três favelados valem menos que o carro da atriz. A tarefa da imprensa sindical é mostrar outros valores. A imprensa sindical tem que apresentar uma alternativa a esses valores para fazer a disputa na sociedade.

O que significa a comunicação sindical do século XXI, em um contexto histórico?

A imprensa sindical é a continuação de uma história que se inicia com a imprensa anarquista do começo do século. Naquela fase, com toda a dificuldade que existia, havia dois jornais diários no Brasil: *A Hora Social*, no Recife, que foi fechado, e o jornal *A Plebe*, em São Paulo, que durou 40 dias, com 5 mil jornais diários, distribuídos pelos militantes. Depois veio a imprensa comunista. De 1945 a 46, nasceram oito jornais diários do Partido Comunista. Uma terceira fase foi a da imprensa alternativa durante a ditadura militar, que começou com *O Pasquim*, um jornal de oposição que chegou a ter 220 mil exemplares semanais. Naquele tempo, os jornais diários não chegavam a ter 150 mil exemplares. Tinha também o jornal *Opinião* e muitos outros. Eram mais de 150 jornais da imprensa alternativa, de 1969 a 1981. Uma última fase é a da comunicação sindical, que explodiu a partir das greves de 1978, 79, 80. A década de 80 viu nascer muitos jornais que faziam a disputa de hegemonia. O auge da imprensa sindical foi na década de 90, com milhões de jornais publicados regularmente. No entanto, uma boa parte desses jornais tinha muita dificuldade de fazer a disputa, pois só cuidavam da sua categoria, de questões imediatas, que não ampliavam a visão de mundo. Essa fase foi até o fim do governo FHC, em 2002. Mostramos

no livro que a tarefa da imprensa sindical do século XXI é continuar essa linha do tempo. Hoje a imprensa sindical precisa retomar o papel de disputar a hegemonia, que diminuiu enormemente, embora ainda haja sindicatos que fazem essa disputa. No Rio de Janeiro, temos as revistas do Sisejuf e do Sindipetro-RJ, por exemplo. A imprensa sindical tem que melhorar essa disputa de hegemonia, atualizando para a realidade de hoje. Não basta fazer jornal. Hoje, alguns sindicatos já têm radioweb e boletim eletrônico. O boletim da CUT-RJ foi pioneiro e circulou durante alguns anos religiosamente todos os dias.

O que mais pode ser feito para melhorar a imprensa sindical?

É importante estar atento à nossa pauta. Temos que dosar as informações imediatas, da categoria: sobre o anuênio, o salário, o horário. Um jornal sindical tem que tratar 50% do imediato, mas também do aquecimento global aos agrotóxicos, do etanol à política internacional. Tem que falar da Venezuela, da Bolívia, da guerra de extermínio dos EUA no Iraque. É preciso tratar também da vida das pessoas – a educação, o namoro, a saúde, a cultura. É importante falar da vida das pessoas e não ser o típico jornal de sindicato, que só fala da categoria. Porque senão o trabalhador tem que buscar essas informações nos veículos da mídia empresarial, que são veneno puro!